



ENSINO DE INGLÊS E A PROVA DO ENEM: ESTUDO SOBRE ALUNOS DA REDE PÚBLICA SERGIPANA

Gisela Reis de Goisⁱ

Maikelly de Oliveira Nabucoⁱⁱ

Eixo temático: Educação, Sociedade e Práticas Educativas

RESUMO

Este artigo tem como propósito analisar a prova do Enem e a aprendizagem de Inglês em alunos da rede pública estadual de Sergipe. Através dos dados coletados pelo uso de questionários, pretendemos neste trabalho analisar as respostas dadas, no intuito de constatar o quanto mobilizados os alunos estão em relação à prova do Enem e a língua inglesa. A investigação alcançou dados que mostram que apesar de alguns alunos estudarem Inglês na escola regular por mais tempo do que a língua espanhola, que foi inserida a pouco tempo, preferem optar pelo Espanhol como língua estrangeira do Enem. Os motivos que levam a isso se encontram no ensino que é distanciado das práticas sociais e não significativo, que resultam na falta ou pouca mobilização dos estudantes em continuarem a estudar Inglês ou responderem provas sobre esse idioma.

Palavras-chave: Enem. língua inglesa. mobilização.

ABSTRACT

This article aims to analyze Enem evaluation and students' English learning in Sergipe public school. Through the data collected by the use of questionnaires, this paper intends to analyze the responses in order to observe how students are mobilized in relation to English language and Enem. The research achieved data showing that although some students study English in the regular school longer than the Spanish language, which was inserted a short time, they prefer to opt for Spanish as a foreign language to do Enem. The reasons leading to this are in education which is distant from the social practices and many times is insignificant that result in the absence or poor mobilization of students continue to study English or respond exams of that language.

Key-words: Enem. english language. mobilization.

INTRODUÇÃO

O conhecimento de línguas estrangeiras contribui para o desenvolvimento cognitivo de alunos, pode auxiliar na percepção do mundo e sua ação como cidadão, possibilita maior compreensão de sua língua materna e facilita a aprendizagem de outras línguas, além de que possibilita melhores oportunidades no mercado de trabalho.

outros ensejos concernentes à função da língua estrangeira naquele momento histórico. Apesar de a legislação brasileira direcionar o ensino de língua estrangeira de valor prático, nem sempre ele seguiu este padrão, por muito tempo baseou-se apenas na transmissão de regras gramaticais, transformando o ensino de língua em algo não significativo e repetitivo, consequentemente, muitas vezes não impulsionando o aprendizado dos alunos.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para língua estrangeira do ensino médio, um dos principais objetivos para o ensino de uma língua estrangeira baseia-se num trabalho com o desenvolvimento das habilidades necessárias que capacitem o aluno a posicionar-se diante de situações diversificadas. Dessa forma, é necessário que se aplique um trabalho de caráter prático que exige um ensino contextualizado para impulsionar a prática a partir do que é real:

Embora seja certo que os objetivos práticos – entender, falar, ler, escrever – a que legislação e os especialistas fazem referência são importantes, quer nos pareça que caráter formativo intrínseco à aprendizagem de Língua estrangeiras não pode ser ignorado. Torna-se, pois, fundamental, conferir ao ensino escolar de Língua Estrangeiras um caráter que, além de capacitar o aluno a compreender e a produzir enunciados corretos no novo idioma, propicie ao aprendiz a possibilidade de atingir um nível de competência linguística capaz de permitir-lhe acesso a informações de vários tipos, ao mesmo tempo em que contribui para a sua formação geral enquanto cidadão (PCN-LE, 2000, p.25).

Com relação às Orientações Curriculares Nacionais do Ensino Médio (OCENM) defende-se o ensino de língua estrangeira moderna que reflita sobre a importância e o papel inclusivo/exclusivo que ela pode desempenhar além de possibilitar a discussão sobre cidadania e a inserção das novas tecnologias (Letramento Multiletramentos, Multimodalidade e Hipertexto). Em relação às habilidades a serem desenvolvidas no ensino médio, este documento focaliza a leitura, a prática escrita e a comunicação oral contextualizadas.

O desenvolvimento dessas habilidades, da reflexão sobre cidadania e tecnologias é necessário para um bom desempenho no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), assim como em outras áreas da vida dele, mas Enem além de ser uma avaliação da qualidade do ensino médio, também é uma forma de ingresso no ensino superior. Nessa perspectiva, analisaremos a mobilização dos alunos em fazerem a prova do Enem e a aprendizagem de Inglês em alunos da rede pública estadual de Sergipe. Para tanto, este artigo está dividido em três seções: a primeira é uma introdução sobre o histórico do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) conceito de motivação, a segunda explicita como esta pesquisa foi desenvolvida e a última traz os resultados alcançados.

HISTÓRICO DO ENEM E CONCEITOS DE MOBILIZAÇÃO E MOTIVAÇÃO

A prova do Enem foi adotada como avaliação da qualidade do ensino médio nacional a partir de 1998, sendo realizada anualmente com alunos do ensino médio e com aqueles que já haviam concluído. Com o passar dos anos o objetivo da prova foi alterado. Em relação ao modelo de prova, até 2008 era uma avaliação com 60 questões, que apesar de ser interdisciplinar não possuía articulação direta com os conteúdos do ensino médio. A partir de 2009, o exame passou por novas alterações no modo de avaliação: os conteúdos passaram a ser baseados nos do ensino médio e os alunos a ter a possibilidade de comparação entre as notas obtidas de um ano para outro. Assim como, esse exame também passou a ser utilizado como forma de ingresso total ou parcial em algumas universidades federais, embora já fosse modo de ingresso em instituições particulares e nacionais através do Programa Universidade para Todos (ProUni).

Uma das mudanças no Exame Nacional do Ensino Médio foi a inclusão da prova de língua estrangeira, dentre as avaliações presentes neste exame, atualmente são ofertadas duas opções: Inglês e Espanhol. A de língua

inglesa é baseada na leitura, interdisciplinaridade e contextualização dos conteúdos (COSTA; SILVA, 2011; RAUBER, 2012; BLANCO, 2013).

Os conceitos em que a prova do Enem está fundamentada são utilizados para que a avaliação esteja de acordo com o que os documentos oficiais e a ciência têm apregoadado. Contudo, é interessante salientar que se o ensino que é transmitido nas escolas for mecânico, não for prazeroso e significativo para o aluno, poderá impedir um resultado satisfatório dele no Enem, assim como em outras instâncias da vida. Como acionar o interesse do aluno, ainda é algo pouco entendido, mas já se sabe que o aluno mais se mobiliza para se relacionar ao assunto a ser aprendido quanto mais significativo aquele conteúdo for para ele. Ou seja, entender a utilidade do que foi ensinado para o dia-a-dia impulsiona a dinâmica interna dos sentidos do indivíduo conduzindo-o ao saber (CHARLOT, 2008; ESTARNECK, SILVA, 2010).

Uma questão importante a ser considerada é que uma quantidade considerável de alunos relacionam a escola, a obtenção do diploma, um emprego e aquisição de dinheiro, mas não percebem como esses fatores se ligam através do saber. Então, vivenciam a escola na razão de obter notas para serem aprovados e não como um estágio de aprimoramento da atividade intelectual. Portanto, é necessário que os educadores saibam como motivar e mobilizar os alunos e não acreditem que o fracasso escolar se resume a uma questão de classe social.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa foi realizada em duas escolas da rede pública do estado de Sergipe. Como ferramentas de coleta de dados, foram utilizados questionários com 10 questões abertas e fechadas. A escolha por dois tipos diferentes de questões se deu pelo fato de que as primeiras proporcionam que o indivíduo responda com suas palavras, sem ficar limitado às respostas dadas, já as segundas possibilitam a tabulação da porcentagem de dados alcançados. Desse modo, temos como melhor compreender as razões que levaram os alunos a fazerem as suas escolhas.

As questões para alunos foram desenvolvidas para analisar a mobilização em fazer o exame, a relação que os alunos mantêm com a língua inglesa e aprendizagem dessa língua. Das dez questões desenvolvidas no questionário para os alunos, duas foram selecionadas para este artigo. Essas perguntas são “Qual língua estrangeira você vai escolher ou escolheu no Enem?”

Por quê?

” e “Se você fez a prova de Inglês do Enem, como você a avalia?”

Por que?

”.

Com o intuito de facilitar a análise dos dados, as escolas foram designadas por letras: **Escola A** e **Escola B**. Com relação ao material coletado na escola A foram coletados 50 questionários respondidos pelos alunos do primeiro ano, 15 foram respondidos pelo gênero masculino e 35 pelo gênero feminino. Em relação aos alunos do segundo ano foram coletados 32 questionários, sendo que 9 foram respondidos pelo gênero masculino e 23 pelo gênero feminino. 37 questionários foram respondidos pelos estudantes do terceiro ano, 19 pelo gênero masculino e 18 pelo gênero feminino.

Quanto ao material advindo da escola B, foram coletados 34 questionários respondidos pelos alunos do primeiro ano, 18 foram respondidos pelo gênero masculino e 16 pelo gênero feminino. Em relação aos alunos do segundo ano, foram coletados 22 questionários, sendo que 7 foram respondidos pelo gênero masculino e 15 pelo gênero feminino. Já no terceiro ano, 13 questionários foram respondidos, 4 pelo gênero masculino e 9 pelo gênero feminino.

Na análise da questão sobre a preferência dos alunos com relação à língua estrangeira (Tabela 1), na escola percebemos que nos primeiros e segundos anos não há diferença significativa na escolha do espanhol e do inglês, entretanto, no terceiro ano, a maioria escolheu a língua inglesa. Algumas das razões dadas pelos alunos foram categorizadas em quatro tipos: inglês é mais fácil e/ou interessante; espanhol é mais fácil do que inglês.

e/ou interessante; porque estudo inglês há um tempo; e a ultima categoria outros, em que se inserem as respostas em branco ou que não se enquadram em nenhuma outra das categorias. Nos primeiros e segundos anos, a maioria dos alunos acredita que Espanhol seja mais fácil ou interessante do que Inglês, 42% e 46,87% respectivamente. Com relação aos terceiros anos, uma grande parte das respostas, 37,84%, foi diversas, por exemplo, “escolhi Inglês porque faço cursinho particular” ou “aprendo Inglês através de jogos e músicas” algumas em branco. Esses dados demonstram que mesmo para aqueles alunos que escolheram a língua inglesa para fazer a prova do Enem, alguns acreditam que o Espanhol seja mais fácil ou interessante do que Inglês como no caso do terceiro ano em que 35,14% responderam isso, apesar da maioria ter escolhido a língua inglesa para o Enem (59,46%).

Na escola B, os resultados obtidos sobre a questão da preferência dos alunos com relação à língua estrangeira mostram que em todos os anos do ensino médio a maioria prefere a língua espanhola (Tabela 1). Com também a maioria afirma que o Espanhol é mais fácil ou interessante do que o Inglês: 1º ano, 50%; 2º ano 72,73% e o terceiro ano 92,31%. Esses dados apontam que apesar dessa escola oferecer a língua inglesa mais tempo para os alunos, eles não se sentem preparados ou não tem afinidade com ela.

Tabela 1. Qual língua estrangeira você vai escolher ou escolheu no Enem?

Respostas (%)	1º ano			2º ano			3º ano		
	A	B	C	A	B	C	A	B	C
A	52	48	0	50	50	0	59,46	40,54	0
Escola									
B	32,35	58,83	8,82	27,28	72,72	0	38,47	61,53	0

Legenda:

Resposta A: Inglês;

Resposta B: Espanhol;

Resposta C: Em branco.

Na questão seguinte, solicitamos que apenas aos alunos que haviam feito a prova do Enem e escolhido a prova de Inglês como língua estrangeira respondessem como eles avaliam o exame de língua inglesa. Na escola A foi possível perceber que tanto os alunos do primeiro ano quanto os do segundo ano não classificaram a prova nem como fácil, nem como difícil. A maior porcentagem das respostas foram diversas ou em branco, 68% para primeiro ano e 68,75% do segundo ano. A maior porcentagem das respostas do terceiro ano foi de 54,06% para a prova de Inglês do Enem foi fácil. Na segunda parte da questão fechada, os alunos tiveram possibilidade de comentar as respostas deles.

Na categorização das respostas dadas pelos alunos, as justificativas foram organizadas em: resposta A, difícil não conheço a língua bem ou não sou muito bom; resposta B, difícil, a prova tem textos grandes e/ou exige muito vocabulário; resposta C, fácil, a prova exige apenas interpretação e/ou tem perguntas diretas e respostas D, alunos que escolheram Espanhol, que ainda não fizeram o Enem ou deixaram em branco. Doze por cento dos alunos do primeiro ano disseram que a prova de Inglês é fácil, porque a prova exige apenas interpretação e/ou tem perguntas diretas, contra oito por cento que ficaram na categoria D (alunos que escolheram Espanhol, que ainda não fizeram o Enem ou deixaram em branco), seis por cento afirmaram que a prova é difícil e atribuíram justificativa de que não conhecem bem a língua inglesa ou não são bons na disciplina e dois por cento disse que

o exame é difícil, porque tem textos extensos e/ou exige muito vocabulário. Com relação ao segundo ano, categoria A (difícil, não conheço a língua bem ou não sou muito bom) não teve porcentagem significativa; 9,38% disseram que a prova é difícil, porque tem textos grandes e/ou exige muito vocabulário, 21,87% afirmaram que é fácil, porque a prova exige apenas interpretação e/ou tem perguntas diretas e a maioria 68,75% se enquadram na categoria D, em que se encontram os alunos que escolheram Espanhol, não fizeram Enem ou não justificaram suas respostas. Quanto ao terceiro ano, não houve diferença significativa entre as respostas C e D, 45,95% em ambas, ou seja a quantidade de alunos que acha a prova fácil e alunos que deixaram em branco ou não fizeram a prova de língua inglesa são proporcionais.

Quando solicitamos que apenas os alunos que haviam feito a prova do Enem e escolhido a prova de Inglês com língua estrangeira respondessem como eles avaliam o exame de língua inglesa, a maioria dos alunos da escola B, de maneira geral deixou em branco, disse que ainda não havia feito a prova do Enem ou reafirmou a escolha pela língua espanhola; 88,23% no primeiro ano, 95,46% no segundo ano e 38,46% no terceiro. Esses dados ratificam os dados da tabela 1, em que os alunos da escola B se mostraram mais aptos a escolher o Espanhol. Apesar disso, no terceiro ano 30,78% disseram que a prova de Inglês do Enem é fácil e 30,76% afirmaram que ela é difícil.

O mesmo resultado foi alcançado, no momento em que eles tiveram que justificar como eles avaliavam a prova de língua inglesa. Já que a maioria fez a prova de Espanhol as maiores porcentagens foram na categoria (alunos que escolheram Espanhol, que ainda não fizeram o Enem ou deixaram em branco) 88,24% para primeiro ano, 90,92% para o segundo ano e 84,6% para o terceiro ano.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As justificativas possíveis para a escolha de Inglês e Espanhol em quantidades proporcionais na escola A pode ser que durante os dois primeiros anos do ensino médio, os alunos decidem fazer a prova por espontânea vontade, então se sentem mais abertos a escolher qualquer uma das duas, já que eles podem fazer a prova novamente no terceiro ano do ensino médio, certos de qual língua estrangeira eles podem alcançar melhores resultados. Mas no terceiro ano, os pontos a serem conquistados influenciam na nota dos alunos para alcançar uma vaga em uma universidade. Portanto, eles preferem permanecer com a escolha da língua inglesa que uma língua estudada nas escolas públicas desde o quinto ano, ao invés do espanhol que foi inserido há pouco tempo. É interessante salientar que mesmo os alunos do terceiro ano, que escolheram a língua inglesa, afirmam em quantidade considerável, assim como os outros anos, que Espanhol é mais fácil e/ou interessante do que Inglês.

Na escola B, a escolha pelo Espanhol foi marcante e como razões para isso pode ser apontada a possibilidade de fazer uma prova com uma língua que eles consideram mais fácil ou talvez eles não tenham afinidade ou bom desempenho na disciplina de Inglês e, portanto preferem tentar outro idioma. Essa ideia é reforçada pela justificativa que a maior parte de todas as turmas colocou o Espanhol como sendo mais fácil e/ou interessante do que o Inglês.

Nos quesitos finais relacionados a como os alunos avaliam a prova de Inglês do Enem, os dados mais proveitosos para a pesquisa vieram da escola A, onde uma quantidade considerável escolheu a língua inglesa pois na escola B os alunos haviam quase que massivamente escolhido o Espanhol, então não puderam colaborar tanto nestas questões. Na escola A, tanto o primeiro quanto o terceiro ano apresentaram uma grande concentração de respostas baseadas na justificativa de que a prova de Inglês do Enem é fácil por ser fundamentada na interpretação e se utilizar de perguntas diretas, a exceção ficou por conta do segundo ano que apesar de escolher proporcionalmente Espanhol e Inglês a maioria das respostas não se enquadrou em nenhuma das categorias de justificativa com fácil ou difícil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As conclusões que chegamos neste artigo apontam que os alunos sentem-se mobilizados a fazer o Enem independente de qual língua estrangeira tenham escolhido. A questão preocupante neste ponto é que apesar dos alunos terem esse impulso em concluir o ensino médio e serem positivamente avaliados no Exame Nacional do Ensino Médio é que talvez eles não tenham noção de como a escola se liga ao futuro emprego ou ensino superior através do saber que deveria ter sido aprendido no ambiente escolar. Ou até mais preocupante do que isso, o ensino de língua inglesa em sala de aula não esteja de acordo com o que os documentos oficiais prega (PCN, OCENM) e os fundamentos da prova do Enem e, portanto o aluno recorre a língua espanhola no intuito de se sair bem na avaliação por achá-la parecida com o português e/ou mais fácil do que o Inglês. Em outras palavras, se a prática escolar não for significativa e reflexiva, não se utilizar das habilidades comunicativas com foco na leitura e escrita, não usar das novas tecnologias, com o intuito de incluir o aluno enquanto cidadão nas práticas sociais, poderá influenciar no desempenho que ele terá no Enem e em outros ensaios. Portanto, ao não se sentir preparado para encarar uma prova de Inglês, apesar de estudar esse idioma há anos, o aluno preferirá tentar o Espanhol na tentativa de ter boa colocação mesmo não conhecendo a língua o suficiente.

Um fator a ser destacado na análise dos dados obtidos nas escolas selecionadas para este estudo é que a localização e os incentivos recebidos do governo têm influência no processo educacional. A escola A fica localizada no centro de Aracaju e tem condições diferenciadas (sala de recursos, biblioteca, auditório, sala de vídeo) de ensino, então as aulas de língua inglesa podem sim ter um papel diferente na vida do aluno, pelo menos supõe-se que a escola tenha condições de propiciar isso. O oposto se dá na escola B que fica na periferia e não possui os mesmos recursos, ficando a critério do professor como as aulas serão dadas: reflexiva, significativa ou mais tradicional.

Por conseguinte, percebemos o quanto um ensino de qualidade demanda a participação de vários setores da sociedade. A escola bem estruturada pode facilitar o ensino, mas a participação dos pais, a atitude do professor perante a educação e a mobilização do aluno, juntos fazem muita diferença nos resultados alcançados. Infelizmente, alguns dos alunos pesquisados decidiram modificar a escolha da língua inglesa, apesar de estudá-la a mais tempo, para a espanhola por não sentirem-se mobilizados a aprendê-la e não por uma questão de gosto pelo Espanhol.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**, 2006. Texto disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf>. Acesso em 19 de fevereiro de 2014.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros Curriculares Nacionais Língua Estrangeira: Inglês Ensino médio**. Brasília: MEC/SEF, 2000.

BLANCO, Juliana. **A avaliação de língua inglesa no Enem: efeitos de seu impacto social no contexto escolar**. Dissertação de mestrado em Linguística. São Carlos, 2013, 132f.

Disponível em:

< [http://](http://www.bdt.d.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=6211)

[www.](http://www.bdt.d.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=6211)

[bdt.d.ufscar.br](http://www.bdt.d.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=6211)

[/htdocs/tedeSimplificado//tde_busca/arquivo.php](http://www.bdt.d.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=6211)

[?](http://www.bdt.d.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=6211)

[codArquivo=6211](http://www.bdt.d.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=6211) >.

Acesso em: 22/11/2013.

CHARLOT, Bernard. O professor na sociedade contemporânea: um trabalhador da contradição. **Revista de FAEEBA** – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 17, n. 30, p. 17-31, jul./dez. 2008.

Disponível em:

< <http://www.uneb.br/revistadafaeeba/files/2011/05/numero30.pdf>
>.

Acesso em: 22/05/2014.

COSTA, Demétrio A. Sena; SILVA, Dayse Carvalho da Silva Penha Souza. **A percepção dos alunos do Ensino Médio sobre a interdisciplinaridade e a contextualização nas questões do ENEM**. VIII Encontro Nacional de Pesquisa. Universidade Estadual de Campinas, 2011.

Disponível em:

< <http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/viiienpec/resumos/R1344-1.pdf>
>.

Acesso em: 27/11/2013.

ESTARNECK, Edson de Siqueira; SILVA, Viviane Freitas da. Motivação no ensino de língua inglesa: um experiência de observação em uma escola pública. **Revista Semioses**, Rio de Janeiro, Vol. 01, N. 07, Agosto de 2010.

Disponível em:

< http://apl.unisuam.edu.br/semioses/pdf/n7/n7_art_06.pdf
>.

Acesso em: 22/05/2014.

RAUBER, Bárbara Battistelli. **Avaliação em língua estrangeira (INGLÊS) no acesso ao ensino superior: Enem em discussão**. Dissertação de mestrado em Linguística. São Carlos, 2012, 108f.

Disponível em:

< http://www.bdtd.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=5038
>.

Acesso em: 22/11/2013.

ⁱ Mestranda em Letras (PPGL/UFS);

ⁱⁱ Graduanda em Letras (UFS).

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: